



HESPAÑHA — VALENCIA.

VALENCIA, capital da provincia do mesmo nome, em Hespanha, é uma das mais formosas e das mais importantes cidades da península. A sua população ascende a 65:000 almas. Conserva o nome latino de *Valentia*; mas as suas antiguidades romanas consistem apenas em inscripções e estatuas mutiladas. O rio Guadalaviar, que a atravessa, posto que muito perto da sua foz, tem ali mui pouca largura, porque as suas aguas são divertidas para a irrigação das férteis varzeas circumvisinhas. Cinco magnificas pontes estabelecem as communicações da cidade com os arrabaldes. A cathedral, antiga mesquita christianizada em 1262, é principalmente notavel pelo seu altar-mór de prata, e bellos quadros que ornam as suas capellas; os banhos arabes, restituídos ao seu primitivo destino, apesar de desfigurados por algumas construcções modernas, mostram ainda o que eram aquelles estabelecimentos mouriscos; a alfandega, situada na praça de S. Domingos, é um edificio elegante e espaçoso; a lonja, ou bolsa, é uma vasta casa no estylo gothico, coroada de ameias como uma

antiga fortaleza. As habitações particulares, pelo seu aceio e commodidades, annunciam abastança, e o gosto esclarecido dos valencianos. Valencia foi a primeira cidade da Hespanha que participou dos beneficios da instrucção e da typographia: desde 1474 que Valencia se distingue n'esta arte maravilhosa, e ainda hoje a sua superioridade é reconhecida pelas demais cidades da península. Contam-se n'esta notabilissima povoação, sete collegios, uma universidade litteraria, duas bibliothecas publicas, um jardim botânico, um grande numero de escolas primarias, uma escola militar de cavallaria, uma academia real de artes liberaes, e uma sociedade de economia e de agricultura.

A nossa gravura representa a porta chamada de *Serranos*, flanqueada de duas fortissimas torres; é um formoso specimen de architectura da idade media. Ou se entre a cidade por essa porta, ou por outro qualquer ponto, fica-se espantado da belleza das campinas, da riqueza da cultura, e do vigor da vegetação em toda a extensão que abrange a vista.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

XIII.

Intrigas estrangeiras em Constantinopla, e estado anarchico do paiz; esperançoso começo do reinado de Mustaphá II; triumphos das armas ottomanas; batalha de Zante ganha pelos allemães; tratado de Carlowitz; consequencias d'estes dous successos.

A LUCTA que Luiz XIV trazia empenhada com a Allemanha foi, como já dissemos, um forte auxilio para a Turquia n'uma das mais apertadas crises por que tem passado este imperio. Sem essa guerra porfiosa, que obrigou Leopoldo I a oppôr forças consideraveis aos exercitos francezes, o imperio ottomano, dilacerado no interior pela anarchia, teria talvez succumbido entre as garras do leão de S. Marcos e das aguias de Allemanha. Todavia d'essa mesma circumstancia de que lhe proveiu tanto beneficio, lhe resultou tambem não pequeno mal. Os esforços feitos pela Inglaterra e pela Hollanda para trazerem os imperios allemão e turco a um acôrdo pacifico, e as diligencias da França não só para obstar á paz, mas tambem para incitar o sultão a empenhar todas as suas forças contra o imperador Leopoldo, produziram em Constantinopla tal jogo de intrigas, puzeram em acção taes meios de corrupção, que a desordem, penetrando em todas as regiões do poder, veio dar um caracter ainda mais grave e assustador á anarchia das praças publicas.

Foi no meio de tão fortes elementos de dissolução, que subiu ao throno Mustaphá II, filho de Mahomet IV e sobrinho dos dous ultimos soberanos (fevereiro de 1695). Mustaphá achava-se então no vigor da idade, e a sua estrêa no poder fez conceber as mais lisonjeiras esperanças a todos os bons musulmanos.

Os primeiros actos do seu governo deram testemunho de uma grande actividade, firmeza e energia de character. Tudo inspeccionava por seus proprios olhos, a tudo queria attender com promptas providencias. Foram desde logo acabando as intrigas, pois que a vontade do sultão a ninguem se dobrava, e os seus ouvidos eram surdos a toda a casta de suggestões. Posto o termo a esta lucta de influencias maleficas, desapareceu o principal incentivo da discordia. Algumas demissões, e o emprego do premio e do castigo regulados pela justiça restabeleceram a tranquillidade publica.

Ao mesmo tempo que o sultão fazia entrar tudo na ordem, reorganisava o exercito, levantava novas tropas, e por meio de uma serie de medidas bem combinadas creava recursos pecuniarios. Mustaphá annunciou então a todo o paiz a firme resolução em que se achava de tomar a offensiva contra os inimigos da Turquia, assumindo o commando em chefe do exercito, e combatendo em pessoa pela independencia e gloria da sua patria.

Quem não conhece o poder, que exerce sobre uma nação o exemplo dado pelo chefe do estado não acreditará na rapida mudança, que o procedimento do sultão operou em todo o imperio. O amor da patria, tantas vezes accendido no peito dos musulmanos, e outras tantas amortecido pelo infortunio, e pela corrupção, resuscitou novamente á voz do soberano. Ao seu brado de guerra responderam de todos os angulos do imperio vozes de enthusiasmo e dedicação.

Romperam as hostilidades com duas grandes batalhas navaes no canal de Chio, em que a esquadra ottomana desbaratou completamente a de Ve-

neza. A reacquisição da ilha de Chio foi o trophéo d'esta victoria. O celebre Mezzomorto, outr'ora pirata, e então ao serviço da Porta, e a quem foi devido este brilhante triumpho, foi elevado ao posto de almirante (kapoudan pachá). Diversas vantagens, alcançadas na Moréa pelas tropas turcas contra os venezianos, seguiram de perto a victoria de Chio.

Nos fins de agosto de 1695 saiu Mustaphá II de Constantinopla á frente do seu exercito. Passados dous mezes e meio fazia a sua entrada triumphal n'essa mesma cidade depois de haver vencido em diferentes combates os exercitos de Leopoldo I, desapossando-as de muitas praças e castellos turcos de que se tinham assenhoreado na campanha anterior, e repellido-os muito para além do Danubio.

Aos louros colhidos pelo sultão vieram em breve juntar-se novas palmas ganhas por Mezzomorto contra as armadas de Veneza. O destino parecia curvar-se ante o estandarte do propheta. O proprio czar Pedro I, que então enchia toda a Europa com a grandeza das suas façanhas, viu-se forçado a levantar o cêrco de Azof ao fim de tres mezes, e com perda de trinta mil homens (13 de outubro de 1695).

Esta serie não interrompida de triumphos despertou em todo o imperio o espirito guerreiro dos musulmanos. O denodo e coragem do soberano, o valor e audacia do seu almirante exaltaram ao ultimo ponto o enthusiasmo popular. Mustaphá I e Mezzomorto eram os idolos do povo, e o alvo de infinitas esperanças.

Os aprestos, pois, para a seguinte campanha fizeram-se como por encanto. Os alistamentos voluntarios, e donativos de todo o genero elevaram repentinamente o exercito a um pé respeitavel, e habilitaram o thesouro para a sustentação da guerra.

Quando a lucta ia começar sob os mais felizes auspicios para a Turquia, viu uma triste noticia arrefecer o enthusiasmo publico. A praça de Azof, chave do mar Branco, apertada novamente por um exercito de sessenta mil russos, entregára-se por capitulação. Não obstante este revez Mustaphá saiu a campo.

Depois de uma pequena acção, favoravel aos turcos, travou-se a grande batalha entre o grosso dos dous exercitos allemão e ottomano, proximo de Zante, e no momento em que este ultimo, atravessando o Theiss, se achava dividido por este rio. A boa estrella de Mustaphá, que até ali conduzira á victoria os musulmanos, eclipsou-se totalmente n'este dia. Vinte mil homens mortos no campo, dez mil affogados nas aguas do Theiss, a morte do grão-vizir e de muitos pachás, uma grande quantidade de canhões, quatrocentos estandartes, os sêllos do imperio, o thesouro e todas as alfaias do serviço do sultão, dez mulheres do seu harem, finalmente as caixas militares e toda a bagagem do exercito, taes foram as perdas que os turcos soffreram no memoravel combate de Zante. Coube ao principe Eugenio, um dos maiores capitães do seu seculo, a gloria de tão assignalado o triumpho para as armas de Allemanha.

Mustaphá salvou em uma fuga precipitada as reliquias do seu exercito; e entrou em Constantinopla terrivelmente impressionado por este grande desastre. A consternação tornou-se geral, e o desalento apossou-se de todos os animos. Entretanto era mister fazer um esforço desesperado para reparar as forças perdidas, pois o principe Eugenio não era um inimigo, que repousasse sobre os seus louros.

N'este apuro foi nomeado grão-vizir Kupruli Haccin Pachá. Era a quarta vez que se recorria a esta familia em procura de um homem capaz de dar impulso ou salvar o paiz em uma crise. Mostrou-se

o novo grão-vizir digno do nome de Kupruli, que tres eminentes estadistas tinham illustrado. As medidas vigorosas que empregou trouxeram recursos ao thesouro e augmento ao exercito. Faltava porém a tudo isto a força moral, e essa não podia elle restabelece-la, nem creal-a, pois que o soberano, que até então dera o primeiro exemplo de coragem e dedicação pela patria, abatendo-se na hora do infortunio, e fraquejando-lhe o animo a ponto de não querer tornar a apparecer á frente das suas tropas, fizera cair toda a nação no maior abatimento e turpôr. Por outro lado a Turquia não tinha general algum para oppôr á pericia do principe Eugenio, e além d'isso estavam esgotados todos os recursos ordinarios e extraordinarios de que era possível lançar mão.

Em taes circumstancias a paz era uma necessidade para o imperio ottomano, e talvez uma condição da sua existencia. Se a guerra continuasse não resistiria, sem duvida, ás forças da republica de Veneza, que o atacavam por toda a extensa costa do Adriatico, aos exercitos allemães e polacos, que o invadiam simultaneamente pela Bosnia, Vallachia e Moldavia, e em fim ás tropas moscovitas que o accommettiam pela Criméa.

A Inglaterra, antevendo as consequencias do desmembramento da Turquia, offereceu-se por mediadora entre esta potencia e as mais partes belligerantes. Os seus esforços conseguiram reunir em congresso na cidade de Carlowitz os plenipotenciarios da Austria, da Polonia, de Veneza, da Russia, da Hollanda, de Inglaterra e da Turquia (outubro de 1698). No fim de tres mezes, em cujo espaço houve trinta e seis conferencias, assignou-se um tratado que a todas ligava. O sultão obteve das duas primeiras treguas por vinte annos, e da Russia tão sómente um armisticio por dous annos. Este descanso porém custou-lhe pezádisimos sacrificios. Teve de ceder não pequena extensão de territorio; renunciou a importantes tributos, que quasi todas essas nações lhe pagavam desde os felizes tempos do imperio, e bem assim a muitas outras regalias, e viu-se até obrigado a consentir na demolição de algumas fortalezas de primeira ordem, como o castello dos Dardanellos.

Pela primeira vez recebeu a Turquia dos seus inimigos a lei, que lhes approuve impor-lhe. Só então é que a Europa viu e apreciou a decadencia do imperio de Osman. Esse conhecimento que a libertou do terror, que lhe inspiravam as aguerridas phalanges musulmanas, trouxe á Turquia fataes resultados. A decadencia do imperio já tinha uma longa data, mas a acção energica de alguns homens de genio, vindo de vez em quando conter-lhe os progressos, e fazer refulgir o crescente, ainda que momentaneamente, impedira até ali que os estranhos se apercebessem d'ella. O tratado de Carlowitz poz a descoberto a todas as vistas á fraqueza do imperio ottomano; e d'ahi datam, sem duvida, os planos ambiciosos da Russia sobre aquelle paiz, começados a pôr em execução por Pedro o Grande nos ultimos annos do seu reinado, e continuados com incrível perseverança por todos os seus successores até ao momento actual.

O destroço de Zante e o tratado de Carlowitz influiram de tal modo no animo do sultão, aquelle desalentando-o inteiramente, e este humilhando-o ante a nação e a seus proprios olhos, que operaram no seu character e habitos uma mudança completa. Aquelle soberano, todo energia e actividade, que se entregava de corpo e alma aos interesses publicos, e que desprezava os prazeres e commodidades

da vida para se occupar exclusivamente dos negocios do estado, depois d'aquelles dous acontecimentos retirou-se a um palacio de campo, que possuia na estrada de Constantinopla a Adrianopli, e ahí descuidado dos deveres da sua posição, procurava tão sómente nos exercicios da caça o esquecimento de todos os revezes e humilhações.

Kupruli Hucein era um ministro em quem o sultão podia descansar. Educado na mesma escola politica de seu tio e primos, os tres Kupruli, que exerceram com tanta distincção o cargo de grão-vizir, reunia em si as principaes qualidades que constituem um homem de estado. N'outra occasião, talvez n'outro reinado, os seus talentos seriam muito proficuos ao paiz. Porém n'aquellas circumstancias não bastavam os brilhantes dotes do ministro para preencher o immenso vacuo, que Mustaphá II deixára no governo pelo abandono dos negocios publicos. Vendo pois inuteis todos os seus esforços, e perdidas todas as esperanças, Kupruli pediu e obteve a demissão.

O povo censurava abertamente o proceder do sultão desde que elle trocára a vida activa pelo viver afeminado do harem, mas apenas Kupruli entregou os sellos do imperio, as censuras populares converteram-se em reprovação manifesta, por quanto o desleixo e inercia do soberano ficaram então de todo patentes, e os seus effeitos perniciosos a sentiram-se cada vez mais. D'esta arte ao desalento geral succedeu-se a desconfiança e a irritação dos espiritos, em que vieram misturar-se as intrigas e as ambições dos grandes. A rebelião não tardou portanto a levantar o collo em varias provincias, e depois na capital. Ao principio parecia contentar-se com a exoneração de alguns altos funcionarios, e com o regresso do sultão para a capital. Mais tarde, alentada com a fraqueza do governo e com a perplexidade do soberano, cresceu em forças e audacia, e acabou por exigir a deposição de Mustaphá, que teve logar a 22 de agosto de 1703. Este desditoso principe não chegou a sobreviver quatro mezes á catastrophe que o precipitou do throno.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

SCENAS DE ESCRAVATURA.

I.

A NARRAÇÃO que fizemos, n'este semanario, de uma viagem na Africa e na America, falta um necessario complemento, que de proposito reservamos para artigo especial: a *escravatura branca e a escravatura preta*, diversos ramos de um mesmo trafico deshumano e iniquo. Não cabia nos limites de ligeiros apontamentos materia de tanta gravidade; trataremos agora de lhe dar o necessario desenvolvimento.

Ha poucos objectos que tenham merecido mais attenção dos grandes escriptores do seculo do que esta importante questão; tem-se trabalhado com fervor, e até com dedicação, por parte de bastantes philanthropos, para abolir d'uma vez para sempre a exportação de negros do continente africano para a America meridional; o livro de *mistress Stowe*, stigmatizando a escravidão nos Estados Unidos, adquiriu uma tal popularidade, que a illustre auctora foi recebida sob arcos de triumpho na orgulhosa Inglaterra; o *Escravo branco*, de *Hildreth*, não tem alcançado menor nomeada por identico motivo; e se a litteratu-

ra se tem honrado com paginas brilhantes advogando tão santa causa, a tribuna e o foro tem ouvido igualmente os seus mais distinctos oradores, fulminarem com moções energicas e sentenças severas o uso e os abusos de semelhante trafico. Ha porém uma outra questão, só entre Portugal e parte da America, com especialidade o Brazil, que ultimamente tem sido muito ventilada nos nossos jornaes, e que se refere ao que elles chamam *escravidão branca*, isto é, a emigração de portuguezes, pela maior parte insulanos, que vão accumulados em navios, sem capacidade para carregar tal numero de passageiros como os que levam, e que se não são vendidos na America são pelo menos alugados como animaes de carga, pelo tempo necessario para saldarem o preço da passagem a bordo, e tratados a par com os escravos negros.

As providencias do governo e das auctoridades locais para impedirem esta triste emigração têm sido infructuosas. Os desgraçados, de combinação com os corretores d'este infame trafico, e com capitães de navios e marinheiros sem alma (aberrações da boa gente maritima!) illudem tolas as pesquisas, e vão, deslumbrados por falsas promessas, entregar voluntariamente os pulsos aos grilhões, o pescoço ao jugo! Cada um tem o direito de dispor de si, largar o seu paiz natal, e ir para onde lhe convenha: é este o argumento dos que lucram no mercado dos seus semelhantes, e não se lhe pode negar a razão do dito; mas perguntamos: tem o governo o direito, ou não tem de fazer que se cumpram a bordo dos navios as leis e regulamentos sobre passageiros, impedindo que vão a bordo mais do que o numero correspondente á lotação do vaso? E não podem as auctoridades locais, impedindo que os colonos embarquem sem passaporte, obter o meio de dissuadir esses desgraçados do proposito errado que seguiam, e alcançar-lhes trabalho no paiz? Para que servem as embarcações da marinha de guerra senão é para desempenharem commissões como esta de cruzar no archipelago dos Agores, e aprisionar o contrabandista apanhado em flagrante, vigiar o navio suspeito, e obstar pela sua presença a que outros tenham semelhante commercio? Na Africa tem havido sempre navios cruzadores, tanto na costa oriental como na occidental, deve-os haver tambem nos Agores e nas costas da America; e até se praticaria um acto de justiça para com os officiaes e marinagem; em lugar de jazerem tres annos nos insalubres climas de Mogambique ou de Bengueila, estariam um anno em Africa, outro na America, e outro nos Agores, rendendo se successivamente d'uns para outros mares, com a saída de uma só expedição annual do Tejo.

Afastámo-nos um pouco da questão, mas cremos que o alvitre, que apontámos de passagem, seria aproveitavel, se houvesse alguém que lhe importasse com estas questões de humanidade, brio e justiça n'este nosso Portugal! ... Se ha alguém, que appareça... já não vem cedo!

A cerca da questão da escravatura negra pouco se pode ajuntar ao que, em periodos tão patheticos, escreveram *Stowe* e *Sue*, ao que se lê nos vehementes discursos de *Brougham* e de *Palmerston*, no parlamento britanico; todavia algumas verdades accrescentaremos ainda. Temos a apresentar igualmente ao leitor um escravo branco, porém menos infeliz do que o de *Mr. Hildreth*; e a respeito da escravatura branca (os colonos que vão para o Brazil e Demerara), procuraremos dizer alguma coisa do muito que ainda resta por explorar; nem, de certo, esgotaremos a materia. A forma que adoptamos para assingelas narrações que se vão ler, é a menos fastidiosa; o romance. Poremos em relevo os personagens ne-

cessarios para as scenas de escravidão e aluguel de homens e mulheres, brancos e negros, que vamos esboçar. Será um trabalho imperfeito, sem duvida, mas consciencioso, como de quem viu e palpou a verdade, nas proprias localidades, e assiste despido de paixões a estas luctas da imprensa em face da questão, cujo resultado tem sido nullo, apesar dos muito razoaveis argumentos de um ou outro dos contendores.

Saiu mais longo do que esperavamos este prolegomeno, e por isso só no seguinte numero do *Panorama* encetaremos as promettidas narrações. Por mais estranhas que pareçam ao leitor as scenas que ali vir desenhadas, tenha por certo que são verdadeiras, e facil lhe será verificá-lo, por que ha em Lisboa bastantes commerciantes da Africa e do Brazil, conhecedores da materia, os quaes por certo não nos deixarão por mentirosos.

(*Continúa.*)

F. M. BORDALO.



ANTIGUIDADES EGYPCIAS.

JÁ no nono volume d'este semanario demos uma resumida noticia da galeria de antiguidades egypcias, que existe no museu do Louvre em Paris, acompanhada de um curioso desenho de uma ainda mais curiosa antigualha. Hoje apresentámos o transumpto fiel, quanto é possivel, de um outro monumento não menos singular da arte antiga, que existe n'aquelle preciosissimo deposito das reliquias dos tempos d'outr'ora.

Os artistas egypcios costumavam representar muitas vezes homens de joelhos, tendo diante de si uma especie de altares, nos quaes se observavam imagens de deuses, em relevo ou gravadas.

A nossa gravura é copia de um trabalho d'este genero. É uma pequena estatua de pedra, figurando um d'aquelles altos funcionarios, que se intitulavam *Basilica Grannate*, isto é, general da cavalla-

ria do senhor dos dous mundos, tendo diante de si um degrau, ou altar. A inscripção, em caracteres hieroglyphicos, que se vê insculpida na base, ainda a não vimos deciphrada, nem nos consta tão pouco que jámais o fosse.

EMBAIXADA DE EL-REI D. MANUEL
AO PAPA LEÃO X.

Il y avait des historiens qui fouillaient
comme moi les archives du passé au
milieu des ruines du présent.

CHATEAUBRIAND. ETUD. HIST.

FORMAVAM o sequito da embaixada, feita, como o nosso Cicero portuguez, Osório, então na puericia, diz, a expensas de Tristão da Cunha, seus tres filhos Nuno da Cunha, a quem passou, com a representação, o heroismo de seu grande pae, e tronco da casa de São Vicente; Simão da Cunha, cuja posteridade existe na casa de Povolide, e na dos condes da Cunha; e Pedro Vas da Cunha, hoje representado pelos condes de Lumiares, além de muitos outros mancebos da primeira nobreza. Não eram estes jovens como certas avesinhas que hoje se lançam a voar antes que se lhe cruzem as azas, mas d'aquelles moços, criados entre o estrondo das caixas militares e das trombetas, e crescidos entre os repiques e vivas das victorias, que, ao sair da infancia, se tornavam heroes.

Constavam os presentes, que o embaixador devia offerecer ao papa, dos paramentos necessarios para um pontifical, tudo de brocado de pezo bordado e guarnecido de perolas e pedras preciosas; de um riquissimo frontal, e outras joias, avaliadas todas estas peças então por uns em duzentos contos, e por outros n'um milhão; e de seis raridades do reino animal; a saber: um elefante real de Ceylão, um soberbo cavallo persio, uma onça que a el-rei D. Manuel enviara o rei de Ormuz, domesticada e adestrada ao exercicio da caça, dous formosos leopardos, e um enorme rhinoceronte que pereceu na occasião do embarque; levando tambem o embaixador (ao que diz D. Antonio Caetano de Sousa, orçando o custo n'um valor evidentemente exagerado, e que não vem marcado em nenhuma outra memoria impressa, ou nas ineditas de que me vali para compor esta noticia) muitas medalhas de ouro, que el-rei mandou cunhar para lembrança d'este facto, que não precisava de tal meio para chegar á posteridade.

Como então, não obstante a affluencia de negocios importantes, para tudo havia tempo, porque se não perdia nenhum, poude logo n'um dos primeiros dias de janeiro de 1514, levantar ferro e sair do Tejo a frota capitaneada pelo mesmo Tristão da Cunha. Mas apenas as galés passaram o estreito por onde correm com mais abertura as aguas, que separam a Europa da Africa, foi tanta a colera que vomitou o Mediterraneo, como que sobresaltado pela presença de um almirante que tinha domado o Oceano, que, apos outo singraduras, se julgou mais conveniente ceder, que disputar o campo á tormenta, fazendo-se entrar a frota em Alicante, d'onde, dentro em pouco, se fez de vela: sendo ainda por causa de tempestades obrigada a arribar a Iviça e a Maiorca, e d'ali, applicada a furia das ondas, poude seguir viagem, atravessando o golfo de Lião, e tomando e prolongando a costa de Toscana até á altura do promontorio coroado pela serra de Argentata, que se avança e faz rosto ao mar quasi em frente da ilha d'Elba, formando para a parte do sul a enseada ou sur-

gidouro commodo e seguro de porto d'Ercole, a cujas praias as embarcações abicaram nos principios de fevereiro com mais de um mez de viagem.

Saltando ali em terra Tristão da Cunha com os seus collegas e a comitiva, deixando n'aquelle porto Nicolau de Faria, estribeiro-menor d'el-rei, encarregado de dirigir o desembarque, e conducção dos presentes, commissão difficil por causa da multidão de gente curiosa, que obstruia a estrada para ver passar os animaes vindos da India, tomaram os ministros e o sequito o caminho, que, d'aquelle littoral da antiga Etruria, se vae metter na estrada real, que corre de Florença para Roma. Saindo de um valle, e trasposto o monte, além do qual, como ainda hoje a gente do campo circumvisinho em dous versos costuma indicar aos viandantes (1), se avista a cidade de Sena, patria de Piccolomini, de Ptolomei, de Colombini, de Cerretani, a qual debaixo da protecção tutelar da famosa Loba, que a fabula deu por ama aos fundadores de Roma, e que aquelle municipio tambem tomou por armas, ainda então gozava da liberdade e importancia que lhe grangeou o sobrenome *del belpotere*. Chegando aqui os nossos patricios, depois de subirem o recosto d'onde ella parece vir descendo por duas largas e bem traçadas rampas, deram de rosto, ao passarem do antemural para a barreira, com um monumento recordador de uma malfadada alliança da corõa portugueza em um não longinquo reinado. Uma pyramide de marmore, que ainda não ha muitos annos existia, marca ali, como se lia n'uma elegante inscripção latina, coroada das quinas portuguezas, o lugar da primeira entrevista da nossa formosa, amavel e discreta infanta D. Leonor, filha do eloquente rei D. Duarte, com seu desditoso esposo Frederico IV, principe não estulto, mas indolente, cujo longo reinado só teve de celebre a invenção da imprensa.

Caminhando depois trinta e seis milhas, (como se infere do antigo *Itinerarium Italiae*, e da viagem que Montaigne fez n'aquelle paiz e escreveu cincoenta annos mais tarde) os diplomatas portuguezes, ora pela estrada aspera e fragosa que segue ao lado do Monte Alcino, onde os francezes d'ali a vinte annos foram vencidos pelos imperiaes, ora por uma erma e arida charneca, onde a espaços se encontram, como plantas exuladas, as ainda pequenas povoações de Lusignano, Buonconvento, Paglia, e San Quiricio, e atravessando o pequeno rio Sentino, que d'este ultimo lugar volteia a sua corrente até ao sitio onde Gregorio X mandou construir uma ponte nos antigos confins dos estados pontificios, proseguindo d'ali a *Acqua Pendente*, antiga *Aquala*, assim chamada pelo salto d'agua com que a natureza a embelezou, e indo, pelas aldêas de S. Lourenço das Grotas e de Bolseno, ao extenso lago d'este nome, antigamente chamado *Vulsinium*, tomando depois por Montefiascone, d'antes denominado *Mons Faliscorum*, e pela deliciosa veiga da qual sãe recostada sobre uma engraçada collina a cidade de Viterbo, nomeada pelas suas fontes e pela industria de seus habitantes, dirigiram-se d'aquelle ponto ao termo distante apenas quinze leguas da sua viagem pelo mesmo caminho por onde outr'ora, e em differente fortuna, transitaram os legados dos Allobrogos, implicados na conjuração de Catilina. Quando penso que qualquer homem, mesmo dos menos bem dotados da fortuna, poude hoje fazer commoda, segura, barata e velozmente, graças aos verdadeiros

(1) Trascorso il valle, ed passato il monte,
Mira, e vedrai Sienna in fronte.

progressos, que se tem feito nas artes e nas sciencias, a viagem, a todos os respeito custosa, em que a embaixada d'el-rei D. Manuel despendeu mais tempo do que hoje se gasta para ir á India, não posso deixar d'exclamar. como o espirituoso Julio Janin n'uma das suas criticas dramaticas: *Oh seculo de luzes! tu tens muito: com o vapor devoras o espaço; com a electricidade fazes que, n'um abrir e fechar d'olhos, haja entre os pontos mais oppostos uma livre communicação de pensamentos; os bons livros, que d'antes se vendiam a pezo d'ouro, e que ás vezes nem a poder de dinheiro se podiam ter, são-te hoje offerecidos por modico preço: não te falla mais do que uma unica cousa a que chamam siso, mas sem a qual as outras não valem nada.*

Quando Tristão da Cunha e os seus companheiros de viagem, chegando, em 13 de fevereiro de 1514, aos altos e fortes muros de Roma, que Marcello temeu que caíssem ao chegar a noticia da morte de Scipião, entraram por uma das doze magnificas portas, que olham para os quatro pontos cardinaes do mundo, em signal de que para todas as nações e estados d'elle deve estar sempre franco e livre o ingresso na capital da religião e das artes, correram ao encontro da embaixada, bem que aquella entrada não fosse ainda a publica (que só teve logar d'ahi a um mez), um innumeravel concurso, em que se viam todos os muitos portuguezes, que então estavam em Roma, e grande numero de notabilidades d'aquella côrte a comprimentar e conduzir os novos hospedes pela rua *dei Banquieri*, ao esplendido alojamento, que lhes estava preparado no *Campo de Flora*.

No grande espaço que decorreu desde aquella chegada até a vinda dos presentes, que deviam figurar no acto solemne da entrada publica, antes da qual não podia ter logar a apresentação das credenciaes, que é o prologo de todas as negociações, tiveram os nossos diplomatas lazer de contemplar o *Forum Romanum*, onde retumbaram as vozes do orador de cuja lingua estavam pendentas as sentenças de todos; o *Colliseu*, ou *Amphitheatro*, onde outenta mil homens sentados presenciavam, de duas partes oppostas (que isso significa esta palavra composta de duas gregas), espectaculos muito mais deshumanos que as, não direi nossas, mas hespanholas, ainda assas barbaras, corridas de touros; o redondo *Pantheon*, cujas abobadas a arte, por uma brilhante illusão, não quiz fechar para dar livre saída ás preces que ali se haviam de fazer a todos os falsos deuses aos quaes fóra dedicado, e que d'aquelle templo christianisado se tem erguido ao throno da verdadeira divindade; o *Capitolio*, onde subiram tantos triumphadores das gentes e até das victorias, e donde os Augustos, os Titos, os Trajanos, os Scipiões, os Emilios, e tantos outros heroes dominaram o orbe. E, se da attenta consideração d'estas reliquias da grandeza dos antigos romanos, que fazem pasmar a admiração dos viajantes, os nossos, passando a examinar as magnificencias da Roma moderna, conversassem os sabios e as academias florentissimas que ella continha, e visitassem a fabrica estupendamente admiravel da basilica e palacio, que o genio inspirado pelo christianismo ia levantando n'uma das sete montanhas d'aquella metropole, como lhes pareceria curto aquelle tempo de espera passado nos salões do litterato e opulento Chigi, e no de Tullia d'Aragão, asylo das musas e das graças, ou no Vaticano, onde Bramante, de idade decrepita nos annos, mas verde nas potencias d'alma, dirigia, quieto e sem perturbação, os trabalhos architectonicos entre o ruido dos carros, dos penhascos, dos madei-

ros, e da contínua bateria dos instrumentos dos artifices e dos trabalhadores; uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando e levantando as machinas para sustentar os arcos e guindar e assentar as estatuas torneadas pelo buril ardente de Buonarroti, em quanto Rafael d'Urbino, intervallando momentos de ocio nos de trabalho das pinturas a fresco das famosas logéas, tirava ao natural o retrato da bella *Fornarina*, e João de Udina e Francisco Penni, illustres discipulos d'aquelle artista immortal, desenhavam os arabescos, em que depois entresacharam as raridades da Asia mandadas por el-rei D. Manuel a Leão X (pinturas que Paulo IV, homem, ao dizer de Vasari, mais prono a commodidades do que ás bellas-artes, estragou para fazer um camarim), ministrando as tintas áquelles famosos artistas Polydoro Caravaggio, depois tão insigne pintor, e que a este tempo era apenas preparador de drogas. E se, d'este quadro artistico, não phantasiado, mas copiado por mim de uma bella gravura que me deu um illustre principe, que os fados apenas mostraram á nossa terra, os representantes de Portugal volvessem os olhos ao espectaculo, moralmente fallando, inda mais interessante para elles, e variado de tantas e tão vivas côres, que então offerecia o mundo politico, onde as figuras que avultam mais são de ordinario as que pezam menos, veriam a França, a esse tempo expulsa d'Italia, por cinco faltas capitales que Machiavello, n'este ponto, digno de credito, na sua *Correspondencia durante as suas negociações* revela, invadida á traição por Henrique VIII de Inglaterra, alternativamente defensor e offensor da Igreja romana, e dissipador das immensas sommas accumuladas pela sabia economia de seu pae, que mereceu o titulo de *Salomão d'Inglaterra*, dando-lhe este crime afortunado occasião de desfazer-se, n'um recontro, de Jacobo IV, d'Escocia, vingador de Luiz XII, e, como o nosso rei D. Sebastião (tambem contendor por parte de outrem), auspicado por um poeta, e desaparecido no ardor das armas; veriam, finalmente, com não pouca admiração os diplomatas enviados d'este cantinho da Europa, mormente os que em tão remotas e dilatadas regiões tinham feito respeitar a auctoridade real e o nome portuguez, o chefe do imperio germanico, Maximiliano I, cabeça de tantos estados, servindo em qualidade de voluntario, e, o que mais é, recebendo o soldo de cem escudos por dia no exercito de Henrique d'Inglaterra. É o caso de dizer, invertendo uma nobilissima locução de Vieira, *em quão alta fortuna e sorte veiu aninhar-se tão mesquinho e baixo espirito!* Em tempos mais chegados aos nossos viu-se tambem outro imperador d'Allemanha, José II, a quem a natureza dotou de mais talento que bom senso, abaxar-se a servir, contra os seus verdadeiros interesses, a ambição insaciavel de duas grandes potencias na invasão não provocada de um estado cuja força militar tinha, no seculo antecedente, levantado o sitio que os turcos puzeram a Vienna.

Não podendo dizer-se d'este acôrdo ou acordão contra a infeliz Polonia: *O céu ditou a sentença, os homens a escreveram*, como um grande engenheiro disse da desmembração de outro muito mais extenso imperio, só me cabe notar que, assim como no mundo physico se periodizam certos fenomenos, tambem no mundo moral vemos succeder, em epochas reguladas, a mesma serie de acontecimentos, com a differença que ha da inconstancia dos corações humanos á bem ordenada perseverança das leis da natureza. Em quanto o estado das cousas da Europa, apoz tão sanguinosas guerras, ameaçava novas e não menos cruéis tempestades ter-

restres, Leão X, cujas energicas exhortações á paz, escriptas com as bem aparadas pennas dos seus dous eloquentes secretarios, não puderam (como agora mesmo está acontecendo a outros mediatarios ou meios da união das nações) calmar raivas que provém de defeitos do entendimento ou do coração, entendeu que devia prégar com o exemplo, que ás vezes pode mais que as palavras, reconciliando com a Igreja o monarca francez, feliz pela sina, ou condão, de ter por inimigos animos curtos dos nós, e os cardeaes dissidentes, mas já então somettidos, que haviam feito parte do conciliabulo de Lião, apesar da opposição que esta segunda medida achou em alguns membros do sacro collegio nos quaes, como n'outros augmentos postigos que n'este mundo se vêem, a altura não era *crescimento*, mas *crescença*; mostrando o illustre pontifice n'esta acção uma virtude rara e grande, em todos mormente nos principes, que, por isso mesmo que são os mais enganados pela adulação, não é muito que ignorem que os caídos mais facilmente acham uma lisonja baixamente soberba e insolente que lhes ponha o pé em cima, que uma piedade intelligente e valerosa, que se atreva a lhes dar a mão.

Tendo chegado de porto de Ercole a Roma os presentes, e feitos os aprestos para a entrada publica da embaixada portugueza n'aquella côrte, teve este solemne acto logar na primeira dominga de Quaresma que n'aquelle anno caiu em 12 de março. Passando na madrugada d'esse dia os embaixadores com toda a comitiva, e com os conductores das raridades vindas d'Asia, e os criados do serviço real e do particular dos ministros, á villa Adriani, situada em um dos suburbios de Roma para o lado do norte, e que era o ponto da partida, d'ali saíram só com este sequito, pelas duas horas da tarde, indo a poucos passos encontrar-se com o principe Francisco Sforza, irmão e herdeiro presumptivo do duque de Milão, e com todos os membros do corpo diplomatico, muitas pessoas da nobreza, e os familiares do papa e dos cardeaes. Assim augmentado em numero, e em esplendor tomou o já mui vistoso prestito, pela estrada que corresponde á antiga e historica *Via Flaminia*, até á *Porta del Populo*, onde, em nome de sua santidade, foram comprimentados pelo governador de Roma assistido de outros membros da prelatura, e donde o brilhante acompanhamento continuou o seu caminho na seguinte ordem.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

ANTIGUIDADES DE SANTAREM.

CARTA DO SR. DESEMBARGADOR J. A. PEREIRA.

HA poucos dias casualmente chegaram á minha noticia os elogios que se dignou deferir-me o nosso illustre escriptor e incansavel investigador de nossos monumentos historicos, o sr. Alexandre Herculano, em os numeros 25 e 26 do Panorama (vol. 3.^o, 3.^a serie).

Agradeço-os apesar de immerecidos, e vieram suas expressões suavisar maguas, que um dia talvez encontrem no prelo o desafogo proprio dos homens de bem.

Entretanto analysando aquella preciosa carta, em cuja composição descansou de seus trabalhos em aoute de... junho de 1853, deparo com expres-

sões que não estão em perfeita harmonia com o que se passou entre o visitante e o cicerone, seis annos antes. O sr. Herculano não podia recordar-se de uma conversa de passagem, a que assistiram duas respeitaveis testemunhas, os srs. Lobo d'Avila (Joaquim) e Luiz Antonio Rebello; e tambem pode ser que eu então me não explicasse com a devida exactidão.

Diz o sr. Herculano: «Deixemos pois que o balcão semi-gothico de S. João d'Alporão seja a varanda d'onde se publicavam os edictos dos imperadores romanos. Que mal nos faz Augusto Cesar em mandar proclamar suas leis de uma janella construida no seculo 12.^o ou 13.^o?» E mais adiante... «Lembra-me de que já concedêra aos cesares romanos o mandarem publicar os seus edictos da varanda de S. João d'Alporão.»

Estas expressões da carta dão indicio aos leitores de que eu mostrei ao sr. Herculano o templo de S. João d'Alporão, ou do Alcorão, como o local d'onde os cesares romanos publicavam os seus edictos, e que eu assim o acreditava. E ainda que a historia assim o inculque, contudo eu sómente lhe fallei de um outro monumento, que infelizmente não existe ha mais de meio seculo.

Para documentar tudo com livros de pedra e de papel apresentarei o que nos diz d'esse monumento e da igreja a que pertencia o padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, no 1.^o vol. da Historia de Santarem, livro 2.^o, cap. 8.^o, pag. 272.

«As ermidas que comprehende esta freguezia de S. Martinho... são três. A primeira é a de S. João Baptista... sempre se chamou esta ermida com o titulo de S. João d'Alporão, cuja etymologia d'este appellido se não sabe com certeza... talvez que fosse corrupção d'Alcorão, nome que significa o livro da lei de Mafoma, em cujo templo os mouros explicavam aos seus barbaros; mas é tradição constante que é a igreja mais antiga d'esta villa, e nas mesmas tradições correram sempre as vozes que foi obra dos romanos, em cujo templo davam cultos com gentilicas ceremonias ao imperador Cesar Augusto, quando n'esta terra assistia. E diz a mesma tradição com alguns escriptores, que n'este templo foi a primeira parte em que se publicou aquelle sabido edicto de que falla o evangelista S. Lucas, mandado publicar pelo dito imperador, sobre a descripção do universo: *Ut describeretur Universus Orbis*; por ser esta villa n'aquelle tempo uma das colonias onde se mandava publicar...»

Passemos agora á parte contigua ao edificio, o hoje não existente, em que fallei ao sr. Herculano.

«Tem uma torre, que mostra ser antiquissima, mistica com a mesma ermida, fica á mão esquerda da de quem entra pela porta principal, está da parte de fora, é toda redonda, feita de enxilharia, e é igual na sua circumferencia desde o chão até ao fim de toda a sua altura sem ter vão por dentro algum. É tradição que servia esta torre no tempo dos mouros de exporem d'ella a todo o povo infiel a sua lei, ou convocarem d'ali para lh'a explicarem.»

Sobre este monumento fallei eu ao sr. Herculano, e lhe disse, que tinha sido detrubado por um provedor da comarca para aproveitar a pedra para as calçadas da villa. Que ficara illudida a sua espectação, por quanto apenas as paredes eram de alvenaria, e como serviam de sacco á terra que as entupia.

Posteriormente porém soube por meu mestre ainda existente, o reverendo José Madeira, (referindo-se este ao que lhe dissera o doutor João da Matta Ribeiro, testemunha presencial do facto) que a origem da destruição d'este respeitavel monumento, a

que perdoou o senhor D. Manuel quando mandou construir a torre contigua do relógio das Cabaças, foi a seguinte.

Na visita que nos ultimos annos do seu reinado fez a senhora D. Maria I a esta villa, vieram a diante as medidas do coche real, que foram lançadas pelas ruas e travessas do transito, afim de recolherem e desmoronarem os obstaculos a esta viação. No sitio do Canto da Cruz se cortaram os vertices dos angulos que estreitavam a passagem; porém, entre a torre de S. João e a do Relógio das Cabaças, achou-se o transito tão estreito, que por onde haviam passado sem mingua da sua gloria tantos monarchas e principes famosos, julgou-se a soberania abatida, e não marchasse sobre ruinas!...

O alvizo que então alluiu a primeira pedra da torre tem sido secundado de tantos, que admira não ser hoje Santarem apenas *campus ubi Troja fuit*.

Resumindo agora os meus pensamentos, que me obrigaram a dar ainda este clarão a tão respeitaveis ruinas, e eu mesmo em ruinas, qual me descreve o atilado e espirituoso escriptor, darei uma satisfação aos meus patricios por ser esta a vez primeira em que me apresento a acudir pela nossa Santarem do passado, em dezar da qual com tantos desvarios se tem escripto.

Apresento-me pela vez primeira, por quanto é o sr. Herculano o primeiro escriptor, que levantou do pó da terra o meu nome humilde, e lhe deu consideração, sendo tantos os escriptores a quem tenho fornecido documentos de Santarem ha meio seculo. Como porém escreveram, por sua conta, por sua conta tenho deixado correr as suas imaginações.

Entre os illustres estrangeiros que têm visitado este ponto, e que me têm procurado, farei memoria saudosa do sr. conde de Radkisiuschi, então ministro da Prussia, que examinando os monumentos santarenses, fixou no que existe ainda em S. João d'Alporão o cunho de maior antiguidade. Graduou como segundo o do arco do Bom Successo, etc.

D'este de S. João d'Alporão fugiu ha muito todo o espirito religioso. É um theatro!... Talvez me perguntem: Que tal?... Não sei, porque desde que vi não só profanados de facto, mas destinados a espectaculos os logares sagrados, nem tive animo para ver o Fr. Luiz de Sousa (1) representado na sacristia de S. Domingos, onde este sabio escriptor santareno tantas vezes orou, e se preparou para celebrar os sagrados mysterios; nem quiz lançar amortecidos olhares sobre o theatro, que escapou do incendio do convento da Graça para a igreja de S. João. Fraqueza! Tive medo que os ossos do senhor D. Affonso de Portugal, filho de el-rei D. Affonso Henriques, ali sepultados em 1207, se levantassem contra mim.

Parece-me que vão sempre lavrando aquelle protesto:

Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor!

Santarem, 24 de julho de 1854.

O DESEMBARGADOR JOÃO ANTONIO PEREIRA.

— A devoção de um philosopho pode alimentar a oração, o estudo e a meditação; mas os sentimentos religiosos do povo não se conservam sem o exercicio do culto publico. GIBBON.

(1) Representou-se o Fr. Luiz de Sousa em uma das noites em que o sr. Herculano esteve a primeira vez n'esta villa em 1847. No claustro do convento de S. Domingos existe hoje a praça dos touros!...

BIBLIOGRAPHIA.

Fastos da Igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo, publicada por Luiz Augusto Rebello da Silva, com censura e auctorisação do patriarchado.

PUBLICOU-SE a primeira caderneta d'este precioso trabalho, contendo uma larga introdução, e a primeira parte da vida de Jesus Christo, redemptor e salvador do mundo.

Os leitores do Panorama podem devidamente avaliar o que valerá uma obra, destinada a prestar um grande serviço á religião e ao estado, escripta pela primorosa penna, que tem enriquecido as columnas d'aquelle semanario, e que gosa hoje da merecida reputação de ser um dos nossos primeiros escriptores.

Assigna-se para os *Fastos da Igreja* na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, n.º 227 e 228, e na de J. P. M. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Nas provincias, ultramar e estrangeiro em casa dos correspondentes do Panorama. Preço de cada caderneta, contendo 150 paginas, com gravuras e vinhetas, em Lisboa, 240 réis; nas provincias 260 réis. Cada volume contém duas cadernetas.

Collecção chronologica da legislação portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações até á carta constitucional, compilada e annotada por José Justino de Andrade e Silva.

SENTIA-SE de ha muito a falta de uma collecção bem ordenada de toda a legislação portugueza publicada desde as ordenações até á outhorga da carta constitucional, que é hoje lei do estado.

Nem só aos juriconsultos era sensível semelhante falta; por quanto, como diz o sr. dr. Justino no seu programma, a todos os cidadãos geralmente é mister conhecer as prescripções legislativas, pelas quaes devem ser regulados os seus actos civis e politicos, uma vez estabelecida a regra de que a ninguem pode aproveitar a ignorancia das leis escriptas, publicadas e diuturnas.

É certo que existem as collecções de Jeronymo da Silva, comprehendendo a legislação de 1603 a 1750; a do desembargador Antonio Delgado da Silva, desde 1750 a 1820, a da Impressão Regia, de 1820 a 1826, a dos regimentos reaes e a dos assentos da casa da supplicação etc. mas todas estas collecções, sobre serem ordenadas por um systema defeituoso, e conterem disposições, cujo conhecimento é na actualmente inutil, omittindo outras da maior importancia juridica, não custam menos de 70\$000 réis!

A publicação do sr. dr. Justino é pois um verdadeiro serviço, que é de esperar seja devidamente apreciado pelos homens illustrados. Além de todas as leis de execução permanente, que se têm publicado desde 1603 a 1826, a collecção a que alludimos conterá tambem, para satisfação dos curiosos, uma synopse d'aquellas disposições, que por sua insignificancia não merecerem figurar no corpo da collecção, e breves annotações, tendo por objecto remissões á legislação anterior e posterior com relação ao texto annotado.

Publica-se regularmente em cadernetas de 6 folhas, ou 24 paginas, a duas columnas em bom papel e typo. Preço, por cada caderneta . . . 120 rs. Por cada volume de 400 paginas em broch. 2\$400 rs.

Assigna-se para esta obra em Lisboa na livraria de A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea n.º 227 e 228; nas provincias e ultramar em casa dos correspondentes do Panorama.